

Salvaguardar o *Lebenswelt* com Habermas

Inês Pinheiro (IFILNOVA, Universidade NOVA de Lisboa)

Com Jürgen Habermas desaparece um dos últimos grandes vultos da filosofia do século XX, cuja estatura intelectual em muito moldou os nossos debates filosófico-políticos contemporâneos. Neste sentido, mais do que assinalar a efeméride, a maior justiça que poderemos prestar ao seu legado é a continuação do debate rigoroso e crítico das suas ideias, que permanecem centrais para o nosso entendimento e acção colectivos. A sua obra, marcada pela transição de um paradigma da consciência para um paradigma da linguagem, redefiniu a racionalidade e a agência como um exercício comunicativo e intersubjectivo. No cerne da sua teoria social encontra-se a defesa da democracia deliberativa como o único mecanismo capaz de conferir legitimidade às normas numa sociedade pluralista. Habermas argumentou que a vitalidade de um corpo político depende da inclusão efectiva de todos os sujeitos no discurso público, conferindo dignidade teórica aos sentimentos subjectivos de marginalização, ao integrá-los como pretensões de validade que exigem escuta e deliberação. Perante o actual desprendimento dos indivíduos em relação às instituições, o pensamento *habermasiano* recorda-nos que a política não é uma mera gestão técnica, mas um processo de entendimento mútuo onde a participação activa é o único antídoto contra a fragmentação do “mundo da vida” (*Lebenswelt*). Em suma, a sua concepção de uma esfera pública transparente continua a ser uma bússola normativa essencial para a continuação do projecto inacabado das nossas democracias, e apela-nos a redobrar esforços para consolidar o necessário diálogo entre a academia e o espaço público.